



## “FELICIDADE”, DE LUIZ VILELA: DO PERTENCIMENTO AO MAL-ESTAR SOCIAL

Vera Regina Vargas Dupont

635

**Resumo:** O objetivo deste artigo é analisar o conto “Felicidade”, de Luiz Vilela, uma vez que este aponta uma problemática contemporânea: o processo civilizatório e suas implicações ao conceito de felicidade do indivíduo. A narrativa apresenta a dificuldade da personagem em manter suas relações sociais e ao mesmo tempo sobrepujar a sua perspectiva de prazer e felicidade. Por conveniência, ostenta sorrisos sem graça ao ser surpreendido com uma festa de aniversário surpresa que sua mulher organiza em sua homenagem. Sucumbindo seus reais interesses em prol da convivência harmoniosa, sente-se, ao refugiar-se no banheiro e ficar sozinho, sua real necessidade e desejo. Deste modo, percebe-se que o conceito de felicidade da personagem está subjugado ao estereótipo de sociedade feliz criado culturalmente em torno dela; o indivíduo está à mercê das conveniências sociais para suprir a necessidade de pertencimento ao grupo social. Desta maneira, este trabalho fará uma análise bibliográfica de cunho sociológico em tal obra, investigando como a necessidade de enquadramento às normas estabelecidas pela sociedade estão emaranhadas ao enredo, buscando fundamentação teórica nas considerações de Sigmund Freud (1974).

**Palavras-chave:** Indivíduo, Civilização, Felicidade.

**Abstract:** The objective of this article is to analyze the short story "Felicidade", by Luiz Vilela, since it points to a contemporary problem: the civilizing process and its implications for the concept of happiness of the individual. The narrative presents the character's difficulty in maintaining their social relationships and at the same time surpassing their perspective of pleasure and happiness. For convenience he flaunts smirk at being surprised at a surprise birthday party that his wife organizes in his honor. Succumbing his real interests in favor of harmonious coexistence, one feels, when taking refuge in the bathroom and being alone, his real need and desire. In this way, one realizes that the concept of happiness of the character is subjugated to the stereotype of happy society created culturally around her; the individual is at the mercy of social conveniences to supply the need to belong to the social group. In this way, this work will make a bibliographical analysis of a sociological character in such work, investigating how the necessity of framing the norms established by the society are entangled in the plot, seeking theoretical foundation in the considerations of Sigmund Freud (1974).

**Keywords:** Individual, Civilization, Happiness.



O presente trabalho faz uma análise da personagem Edgar, do conto “Felicidade”, do escritor brasileiro Luiz Vilela, através da observação de como a personagem lida com os padrões comportamentais estabelecidos pelo meio social em que está inserido. Dessa maneira, busca investigar como se dão as relações em termos de felicidade, sob a perspectiva do “eu” e do “outro”. Veremos, assim, que Edgar experimenta o limite tênue entre a necessidade de enquadramento para obter segurança e pertencimento, e, ao mesmo tempo, a busca pela satisfação pessoal plena, que estaria atrelada ao lado mais espontâneo e natural do ser humano.

Para realizar esta análise bibliográfica, é importante rever os conceitos de Antonio Candido acerca de como a obra, no caso a literária, está imbricada com o contexto social. Em sua obra *Literatura e Sociedade* (2000, p.17), Cândido chama atenção para os “aspectos sociais que envolvem a vida artística e literária nos seus diferentes momentos” e submete à minuciosa análise a influência que o meio social exerce sobre a obra de arte e a influência desta sobre o meio. Afirma que há uma tendência da estética moderna em estudar “como a obra de arte plasma o meio” (CANDIDO, 2000, p.18). Destaca, ainda, as influências concretas dos fatores socioculturais no que aponta como quatro momentos da produção artística: “[...] *É difícil discriminá-los, na sua quantidade e variedade, mas pode-se dizer que os mais decisivos se ligam à estrutura social, aos valores e ideologias, às técnicas de comunicação.*” (CANDIDO, 2000, p. 21). Isto se dá da seguinte maneira: “[...] *a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, é orientado segundo padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio.*” (CANDIDO, 2000, p. 21).

Candido (2000, p.14) enfatiza que “[...] *o fator social é invocado para explicar a estrutura da obra e o seu teor de ideias, fornecendo elementos para determinar a sua validade e o seu efeito sobre nós*”, de modo que “[...] não convém separar a repercussão da obra da sua feitura, pois, sociologicamente ao menos, ela só está acabada no momento em que repercute e atua, porque, sociologicamente, a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana [...]”. (CANDIDO, 2000, p.21).



Assim, segundo Antonio Candido, só podemos interpretar dialeticamente uma obra em sua integridade se fundirmos o texto e o contexto, ou seja, os elementos estéticos da obra com os elementos sociais. O pesquisador salienta que é devido à necessidade de representações de mundo que surge a criação literária e, portanto, mesmo sem intencionalidade, o artista revela seu contexto social pelas representações que faz. “[...] O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador” (CANDIDO, 2000, p.38). Desta feita, autor-obra-público formam uma tríade inseparável na compreensão de uma obra de arte, especialmente da obra literária.

O que se constata, a partir dessas assertivas, é que não há como isolar a literatura da sociedade, pois, ambas exercem influência uma sobre a outra, seja através da retomada do contexto por meio do texto, seja através da criação ou intensificação de novas formas de agir e pensar a partir do discurso produzido pela literatura. Assim sendo, é importante analisar como o texto literário descortina a realidade. Isto norteará esta análise para verificar como se dão as relações sociais e individuais da personagem na busca pelo bem-estar.

O ser humano, em toda a história da ciência e da filosofia, não desvendou o que é ser feliz e como conseguir sê-lo. O que se percebe é a busca desenfreada por encontrar a felicidade, o elixir da longa vida ou a fonte da eterna juventude, quer no passado, quer no presente, numa transmutação de alquimistas que continuam impregnando o universo imaginário com suas promessas de driblar a finitude humana.

Nota-se, assim, que as mídias ocupam um espaço importante na propagação de um ideal de vida feliz. Há sempre algum artifício que promete ser a chave para solucionar os problemas e a obtenção da tão sonhada felicidade. Isto leva a grande maioria a uma síndrome comportamentalista, em que o “ter” tenta suprir o espaço deixado pela falta de um “ser” satisfeito, que cada vez se distancia mais de sua essência. Talvez essa busca justifique os números exorbitantes de venda de livros de auto-ajuda, de adeptos a tantas novas religiões que prometem uma felicidade



eterna através da fé, ou de busca por profissionais de psicanálise e cirurgiões plásticos. Desta forma, veremos o que Freud, “o pai da psicanálise”, já observava a respeito dessa intensa necessidade que o ser humano tem de “ser feliz”.

Ao refletir sobre a felicidade total, em *A Arte da Vida*, Zigmunt Bauman afirma que

638

A incerteza é o hábitat natural da vida humana - ainda que a esperança de escapar da incerteza seja o motor das atividades humanas. Escapar da incerteza é um ingrediente fundamental, mesmo que apenas tacitamente presumido, de todas e quaisquer imagens compósitas da felicidade. É por isso que a felicidade "genuína, adequada e total" sempre parece residir em algum lugar à frente: tal como o horizonte, que recua quando se tenta chegar mais perto dele. (BAUMAN, 2009, p. 31).

Para Freud (1974), o desejo é que põe em movimento o aparelho psíquico e o orienta segundo a percepção do agradável e do desagradável, sendo que nasce da zona erógena do corpo e só pode ser satisfeito de forma parcial.

[...] Ficamos inclinados a dizer que a intenção de que o homem seja “feliz” não se acha incluída no plano de “Criação”. O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica. Quando qualquer situação desejada pelo princípio de prazer se prolonga, ela produz tão somente um sentimento de contentamento muito tênue. Somos feitos de modo a só podermos derivar prazer intenso de um contraste, e muito pouco de um determinado estado de coisas. (FREUD, 1974, p. 9).

Um outro conto da literatura brasileira que aborda a questão da felicidade como um momento de extrema satisfação de necessidades represadas em alto grau é “Felicidade Clandestina”, da escritora Clarice Lispector. A narradora relata que, quando criança, estudara com uma menina malvada, filha de um dono de livraria, que possuía muitos livros. Dentre eles, o livro que muito desejava - *Reinações de Narzinho*. Ao pedir-lhe emprestado tal livro, teve que esperá-lo por muito tempo, diante de um jogo de adiamento que a menina fazia para vê-la frustrada. Descreve o momento em que conquista o livro, objeto de desejo tão esperado:





Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. (LISPECTOR, 1998, p. 10).

639

A narradora parece temer que a felicidade, tão desejada, desapareça como no ditado popular que “o que é bom dura pouco” e continua a protelar a sua leitura pois percebe que não se pode possuir a felicidade o todo tempo, apenas por alguns instantes, como a conquista de algo clandestino e de difícil acesso.

Em *Além do Princípio do Prazer* (1927), Freud faz a oposição entre Eros, que é o instinto de vida e o seu principal adversário, e Tânatos, a pulsão de morte. Para ele, a história da civilização é uma luta contínua e sem resolução entre esses dois impulsos, que precisam ser mantidos em equilíbrio pelos indivíduos.

A sublimação do instinto constitui um aspecto particularmente evidente do desenvolvimento cultural; é ela que torna possível às atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas ou ideológicas, o desempenho de um papel tão importante na vida civilizada. Se nos rendêssemos a uma primeira impressão, diríamos que a sublimação constitui uma vicissitude que foi imposta aos instintos de forma total pela civilização. (FREUD, p. 63).

Percebe-se, deste modo, que, conforme Freud, o processo civilizatório envolve sufocar muitos dos impulsos sexuais e de agressão que estão ligados ao prazer. A própria cultura provocaria, conforme esse autor, um mal-estar na dicotomia entre o prazer individual e as exigências da civilização. Isto é evidente na conduta da personagem de Luiz Vilela, que se sente esmagado entre as obrigações sociais e o desejo de realização pessoal: ficar sozinho lhe proporcionaria um bem-estar profundo, mas que o faria romper com a espécie de pacto social que mantinha estabelecido com amigos e familiares.

Sigmund Freud compara a evolução da civilização ao desenvolvimento libidinal do indivíduo, sendo três fases paralelas identificadas: a primeira refere-se ao caráter de formação e aquisição de uma identidade; a segunda seria a canalização da energia primal para outras atividades físicas ou psicológicas, a



chamada sublimação; e a terceira, a não satisfação, uma vez que há a renúncia dos instintos e impulsos agressivos no indivíduo diante da imposição do Estado de direito na sociedade. Ainda, afirma que precisamos da sociedade que nos protege das forças da agressão e autodestruição mútua e ao mesmo tempo nos atrela à negação de nossos instintos, o que nos causa infelicidade.

O mesmo pensamento de Freud se apresenta na obra de Mario Vargas Llosa (2002). Ao analisar a obra *La muerte em Venecia*, de Thomas Mann, faz a reflexão de que a ordem permite a vida social ao mesmo tempo em que não basta para garantir a felicidade individual:

La razón, el orden, la virtud, aseguran el progreso del conglomerado humano pero rara vez bastan para hacer la felicidad de los individuos, en quienes los instintos reprimidos en nombre del bien social están siempre al acecho, esperando la oportunidad de manifestarse para exigir de la vida aquella intensidad y aquellos excesos que, en última instancia, conducen a la destrucción y a la muerte. (VARGAS LLOSA, 2002, p. 11).

Assim como a personagem Gustav von Aschenbach, de Tomas Mann, que após uma vida regrada e voltada à sisudez passa a experimentar, através de seus pensamentos, os prazeres da vida ao manter uma paixão platônica por um belo jovem que conhece em Veneza, a personagem de Luiz Vilela vive, em sua introspecção, a vontade de rompimento com as regras em prol dos sentimentos e sensações de cunho individual. Em ambas as narrativas, as personagens são dominadas por seus desejos íntimos e revelam que o desejo humano está pautado numa tensão entre dois polos contrários.

O conto “Felicidade” apresenta uma história narrada na terceira pessoa do singular, num discurso direto-indireto que, sem parágrafos ou pontos, mostra a relatividade do tempo. Para a personagem, o tempo se estende duramente no fato de ter de fingir papéis socialmente aceitáveis, violentando a sua própria vontade e consentindo essa violência a favor de seu convívio social. É o que ocorre com Edgar, que ao ser surpreendido com uma festa de aniversário surpresa, sente-se encurralado. Não era esse o desejo que tinha para aquela noite, pois para Edgar, uma noite especial como aquela, deveria ser celebrada com um momento voltado



ao silêncio e à reflexão. Vemos que as cenas ocorrem no apartamento do personagem, iniciando no espaço público da sala – que estava cheia de convidados, e termina no banheiro, lugar em que, sozinho, a personagem consegue ter um momento do que chama ser felicidade.

641

[...] olhavam e sorriam sem graça e ele também sorria e suas mãos entravam nos bolsos e saíam e sua mulher ao lado era também apenas um rosto sorrindo e ele sentiu como estava longe dela naquele instante tão perdidamente longe que seu grito de solidão jamais chegaria até ela. (VILELA, 1985, p. 60).

O tema abordado é a questão das aparências, do enquadramento social a que as pessoas são submetidas por fazerem parte de um grupo. O tema é a perspectiva de felicidade, que nem sempre e dificilmente é igual a todas as pessoas ou sociedades. Então, vemos que se trata de uma questão relativa, em que muitas vezes integrantes de um mesmo grupo não comungam da mesma perspectiva em termos de felicidade, mas sucumbem aos desejos do eu em prol do outro, mantendo as aparências e sensação de pertencimento.

Freud, em *O mal-estar na civilização*, afirma que não percebemos o motivo de certos regulamentos que, mesmo tendo sido estabelecidos por nós mesmos, não representam proteção e benefício. Aponta, assim, para três fontes de sofrimento que impedem o homem de se apropriar da tão sonhada felicidade:

[...] três fontes de que o nosso sofrimento provém: o poder superior da natureza, a fragilidade de nossos próprios corpos e a inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade. (FREUD, 1974, p. 14).

Vemos, deste modo, a fragilidade da personagem Edgar diante das regras de ajustamento social, buscando manter uma aparência mesmo em um estado dissonante: ele abre mão de seu verdadeiro desejo em prol do convívio harmônico com o grupo de convidados de sua esposa. Ela, que organizou a tal festa, vale-se de sua própria concepção de felicidade, acreditando que seu marido também comungaria de tal visão. A personagem, apesar de não desejar tal situação e estar em meio a um conflito interno amedrontador, vê-se em meio às cobranças implícitas



da mulher, confessadas pela troca de olhares, tentando convencê-lo de que ele precisa discursar por ser o papel social que lhe cabe naquele momento.

[...] e olhou de novo para a mulher e ele estava pedindo socorro e ela estava sorrindo e esperando que ele falasse pois era o seu aniversário e os convidados estavam ali e ele tinha soprado as velas e haviam cantado parabéns pra você e agora era hora de ele falar qualquer coisa. (VILELA, 1985, p. 60)

642

Em *O nascimento da tragédia*, Nietzsche (2007) utiliza expressões oriundas dos deuses gregos, Apolo e Dionísio, para tratar do contraste entre o espírito de ordem (apolíneo) e o espírito da vontade de viver espontânea (dionisíaco). Afirma que o ser humano perdeu a proximidade que o homem antigo tinha com a natureza pois evita a finitude. Deste modo, percebe que o conhecimento racional se sobrepõe à arte e à vida.

Percebe-se que por diversos momentos Edgar, que se sente interiormente arrasado por não estar realizando o que verdadeiramente lhe faz bem, esforça-se para que seus sorrisos sejam convincentes, inventando uma desculpa para não fazer o discurso, conforme narra o seguinte trecho:

[...] você não está se sentindo bem? Era sua mulher e ele sacudiu a cabeça sorrindo e alguém falou é a emoção e ele sorriu e outra pessoa falou outra coisa engraçada e todos começaram a rir e falar e então ele falou que o perdoassem mas não se sentia inspirado e que lamentava. (VILELA, 1985, p. 60).

Segundo Freud (1974), uma das técnicas para afastar o sofrimento é afastar-se da situação indesejada. A personagem da história de Luiz Vilela afasta-se ao considerar aquela realidade *dangerinosa*, fugindo ou rompendo com aquela situação insuportável. É possível observar as considerações de Freud acerca disso:

[...] O eremita rejeita o mundo e não quer saber de tratar com ele. Pode-se, porém, fazer mais do que isso: pode-se tentar recriar o mundo, em seu lugar construir um outro mundo, no qual os seus aspectos mais insuportáveis sejam eliminados e substituídos por outros mais adequados a nossos próprios desejos. (FREUD, 1974, p. 12).





Através da fuga daquela instituição cultural a que ele formalmente é integrante, têm-se o ápice da narrativa: Edgar consegue relaxar e sentir felicidade, já que está solitário. Senta-se então na quina da banheira, em seu banheiro silencioso, longe daquelas máscaras sociais, reiterando que “*A felicidade, contudo, é algo essencialmente subjetivo.* (FREUD, 1974, p. 14)

Naquele lugar ele sente que pode ser ele mesmo e isto para ele, de acordo com a narrativa, o conduz à sensação de felicidade.

[...] ele estava pensando quê que tinha tudo aquilo a ver com os seus quarenta anos e então riu [...] não estava com vontade nenhuma de rir e havia mais de uma hora já que sua boca estava rindo e sorrindo sem parar e ele não aguentava mais e então pediu licença e atravessando a sala e a copa e o corredor sorrindo mais uma porção de vezes, trancou-se no banheiro e sozinho sentado na quina da banheira para a porta trancada e pensando que pelo menos durante alguns minutos não teria de sorrir ou de falar ou de apertar a mão de alguém ele pela primeira vez naquela noite sentiu um pouco de felicidade. (VILELA, 1985, p. 61).

Todavia, vemos que a reinvenção ou substituição da realidade que se faz inimiga de sua constituição psíquica, faz de Edgar um ser que experimenta a sensação da felicidade naquele momento em que seu desejo, após tanto tempo de represália, agora lhe é concedido. Com isso, podemos dizer que, conforme Freud, o desejo satisfeito após um longo período de espera, produz o sentimento de contentamento, sendo o experimento de um momento feliz e não de um estado de felicidade.

A narrativa relata que Edgar, após passar pelo corredor que o distancia da sala e dos convidados, entra no banheiro e tranca a porta para ficar sozinho. Esta ação de sentir-se isolado causa a transformação de seu sentimento. Passa a olhar para si, já que ao passar pela porta, deixa o espaço público para adentrar ao espaço privado. Afinal, conforme Chevalier, a porta tem um significado de passagem:

**Porta.** Simboliza o local de passagem entre dois estados, entre dois mundos, entre o conhecido e o desconhecido, a luz e as trevas, o tesouro e a pobreza extrema. A porta se abre sobre um mistério. Mas ela tem um valor dinâmico, psicológico; pois não somente indica uma passagem, mas convida a



atravessá-la. É o convite à viagem rumo a um além. (CHEVALIER, 1998)

A porta, no conto *Felicidade*, simboliza a passagem do espaço público para o privado: Edgar deixa o peso do papel social que desempenha e experimenta a leveza que a solidão pode representar naquele contexto. A passagem, assim, é a do sentimento de obrigação para o de prazer, da tensão entre esses dois polos contrários que, isolados, não são suficientes para promover a realização plena do ser humano.

De acordo com Iser (2002, p.957), a natureza dos textos literários é ficcional. No entanto, “[...] *Como texto ficcional contém elementos do real, sem que se esgote na descrição deste real, então o seu componente fictício não tem o caráter de uma finalidade em si mesma, mas é, enquanto fingida, a preparação de um imaginário.*” A imaginação, através dos atos de fingir, constrói a relação entre o que é real e o que é ficção.

Silviano Santiago, ao tratar do texto ficcional, afirma que “*A verdade não está explícita numa narrativa ficcional, está sempre implícita, recoberta pela capa da mentira, da ficção. No entanto, é a mentira, ou a ficção, que narra poeticamente a verdade ao leitor.*” (SANTIAGO, 2008, p. 177).

Deste modo, observa-se que o ser humano, em meio a tantas imposições de sua construção cultural, da ordem apolínea que o processo civilizatório lhe impõe, experimenta momentos felizes, o que é bem diferente do ideal de felicidade ou do estado de felicidade a que persegue. A literatura, por ser espaço das discussões sociais que apoquentam o ser humano, representa esse tema e provoca reflexões acerca dele, já que quer na ficção, quer na realidade, é um tema cotidiano e atual.

Ao analisar o conto “Felicidade”, verifica-se a estreita relação entre literatura e sociedade, numa influência recíproca. Observa-se que o comportamento da personagem da história ficcional permite que avaliemos o comportamento humano diante do mundo real, sobremaneira acerca do homem contemporâneo e os papéis sociais que precisa desempenhar. Se por um lado há a busca pela obediência aos parâmetros delimitadores da convivência social, para que haja uma satisfação, há,



por outro, uma grande insatisfação por não poder realizar os desejos pessoais mais íntimos, em um paradoxo da complexidade humana.

645

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *A arte da vida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CANDIDO, Antonio. *Crítica e Sociologia*. In: *Literatura e Sociedade*. 8.ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 12. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1998.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização* [1929]. In: Edição Standart. Rio de Janeiro: v. XXI. Imago, 1974.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina – Contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

SANTIAGO, Silviano. *Meditações sobre o ofício de criar*. *Aletria*, 2008 - jul.-dez. - v. 18.

VARGAS LLOSA, Mario. La verdade de las mentiras. Alfaguara: 2002. Disponível em [http://biblioteca.unedteruel.org/la\\_biblioteca\\_recomienda/la\\_verdad.pdf](http://biblioteca.unedteruel.org/la_biblioteca_recomienda/la_verdad.pdf), acesso em 13/04/2017.

VILELA, Luiz. *Felicidade*. In O novo conto brasileiro: antologia crítica com anotações e exercícios gramaticais / Malcolm Silvermann – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.